

O sobrado e o cativo

A arquitetura urbana erudita no Brasil escravista.

O caso gaúcho

Mário Maestri

Passo Fundo, Editora da Universidade de Passo Fundo, 2001

PEDRO PAULO A. FUNARI*

O historiador gaúcho Mário Maestri tem produzido uma extensa literatura sobre a história do Brasil, em geral, e sobre as formas de exploração de trabalho, em particular¹. A partir de uma abordagem marxista, Maestri propõe, agora, realizar uma empreitada original e pouco percorrida: o estudo da arquitetura urbana erudita de forma crítica, fugindo do tradicional culto às elites do passado, ainda tão comum. Logo no início da Introdução (p. 23-28), o autor ressalta a importância do “passado escravista [que] condiciona singularmente a civilização brasileira” (p. 23) e que produziu uma certa homogeneidade urbana nacional. O Rio

Grande do Sul, assim, funciona como um estudo de caso, a indicar os caminhos de pesquisa para outras regiões do país. Como historiador, o autor utiliza-se da documentação escrita, em especial as Posturas Policiais e as legislações municipais.

A permanência da rígida estrutura servil explica a profunda continuidade, em todas as esferas sociais, inclusive a arquitetura, entre o Brasil colonial e o Brasil independente até a abolição. Os senhores de escravos apropriaram-se do estilo europeu, da gramática estética neoclássica, adaptando-a à ordem patriarcal. O caráter pesado do sobrado urbano colonial registrava o poder despótico dos patriarcas sobre

* Professor do Departamento de História da Unicamp.

¹ Nesta mesma revista, a de número 9, 1999, p. 148-50, outro livro publicado pela mesma Universidade de Passo Fundo foi resenhado.

seus escravos e familiares. Nos balcões, a família senhorial participava das procissões religiosas, a fim de expressar a superioridade dos senhores em relação à plebe livre e à escravaria que se acotovelava nas ruas. O classicismo do período nacional reflete as idéias das rudes elites escravistas que se autoconcebiam como aristocratas superiores aos cativos e iguais aos seus pares. O estilo neoclássico, contudo, surgia em um contexto social muito diverso do original, pois inexístiam, aqui, camadas urbanas populares, não havia concidadãos, mas uma massa de subalternos, escravos ou livres². Predominavam os interesses privados, pelo que Maestri enfatiza que a modernidade, no Brasil, acarretou o gradativo e incompleto desenvolvimento do espaço e da consciência públicos.

Na Colônia e no Império, o sobrado foi a unidade habitacional das elites, materializando a hierarquização social entre inferiores e superiores por meio da localização habitacional elevada das residências dos senhores em relação ao restante da população. Em seu interior, distinguia-se um andar térreo, destinado ao público e aos cativos, e um andar superior, reservado à família patriarcal. Nos tempos coloniais, os quintais urbanos eram amplos e possuíam diversas funções. “Hoje,

nos é difícil imaginar a atividade febril que animava os quintais das grandes residências, com senhoras organizando, com voz ríspida, os trabalhos atarefados de negros e negras domésticos” (p. 107).

No Brasil, a cozinha, de origem lusitana, foi expulsa do corpo da residência, tornando-se sinônimo de “lugar de negro” (de onde deriva a expressão “pé na cozinha”, para designar origem étnica africana, em nosso país). Os alpendres constituíam uma continuidade da residência senhorial, no relativo à interdição costumeira e proibição simbólica de os subalternos penetrarem nas moradias senhoriais, em particular pela porta principal. Uma das características da sociabilidade colonial consistia na superposição de funções dos ambientes, servindo um mesmo aposento para diversas funções e atividades, superpostas ou não, no decorrer do dia ou da semana. As moradias urbanas das elites desconheciam ambientes especializados, à diferença do que ocorria na Europa ou nos Estados Unidos à época³. Nossos aristocratas não eram burgueses.

A partir da segunda década do século XIX, as câmaras municipais ampliaram as medidas de normaliza-

² Compare-se com o que se passava nos Estados Unidos, Paul A. Shackel, “Classical and liberal republicanism and the new consumer culture”, *International Journal of Historical Archaeology*, 2,1,1998, 1-20. O uso de modelos interpretativos úteis para a sociedade burguesa torna-se insustentável no contexto patriarcal brasileiro, o que, às vezes, não é levado em conta quando da importação de metodologias de pesquisa.

³ Cf. M. Johnson, *An Archaeology of Capitalism*. Oxford, Blackwell, 1996, p. 155-78.

ção do espaço privado, a começar pelo alinhamento das fachadas residenciais. As medidas aplicavam-se ao centro senhorial, em torno da praça da matriz e atingiam muito menos as casas comerciais e o grosso da população que vivia na periferia, entendida como tudo que estivesse fora do estricto raio em torno da praça. Determinam-se a pintura periódica, o telhamento das casas, a numeração, a iluminação e os rudimentos de serviços urbanos. Maestri destaca o papel do trabalho servil urbano, lembrando que as residências mais ricas possuíam dezenas de cativos domésticos. Nas mansões, todas desprovidas de banheiros, cabia aos escravos o serviço de lavagem e banhos dos senhores, assim como o recolhimento dos excrementos, na forma de cabungos, recipientes transportados periodicamente pelos serviçais para cursos d'água, prática que perdurou, em Porto Alegre, até...1962! Definitivamente, a arquitetura e o modo de vida não eram burgueses, eram senhoriais.

Maestri apresenta, assim, uma contribuição original ao estudo da nossa arquitetura. A introdução de estilos e mesmo de artefatos burgueses, usa-

dos na Europa e nos Estados Unidos pela nascente burguesia foram importados pelas elites patriarcais brasileiras mas, aqui, produziram um efeito muito peculiar, ao reforçar a dicotomia entre subalternos e senhores. De fato, a sociedade brasileira, com bem ressalta Maestri, funda-se em sólidas raízes patriarcais e servis. Sociedade aristocrática, antes que burguesa⁴, cujas permanências senhoriais ultrapassam o período escravista e imprimem características ainda importantes no Brasil contemporâneo⁵. A introdução de uma arquitetura erudita neoclássica, assim como a importação de todo um aparato de artefatos não implicou uma adoção de um modo de vida burguês. A pesquisa de Maestri, voltada para um único estado e a partir dos registros escritos, indica caminhos a seguir tanto em outras partes do país como a partir de outros tipos de documento, em particular, pela cultura material, que pode produzir informações únicas a esse respeito. Além disso, uma visão crítica das habitações aristocráticas apresenta importância excepcional em um país ainda acostumado a discursos e exposições que se

⁴ Cf. Jacob Gorender, *O escravismo colonial*. São Paulo, Ática, 1978; Cardoso, C.F.S. *Agricultura, escravidão e capitalismo*, Rio de Janeiro, Vozes, 1982; Alencastro, L. F. "Continuidade histórica do luso-brasileirismo". *Novos Estudos Cebrap* 32: 77-84, 1992.

⁵ Cf. O. Ianni, *Debate. Encontros com a Civilização Brasileira* 1: 195-204, 1978; O. Ianni, *Negritude e cidadania. Cadernos PUC* 2: 11-36, 1980; M. Chauí, "Messianismo e autoritarismo são heranças da colonização". *Folha de S.Paulo, Caderno Mais!*, 10/11/92, p.6, 1992; R. Da Matta, "Nepotismo, e jeitinho brasileiro". *Jornal da Tarde, Caderno de Sábado*, 9/7/91, p. 4-5, 1991; F. Fernandes Entrevista. *Isto é* 1350: 26-27, 1995; P.P.A. Funari, *Historical archaeology from a world perspective*, in P. P. A. Funari, M. Hall & S. Jones (eds.), *Historical Archaeology, Back from the edge*, Londres, Routledge, 1999, p. 37-66.

voltam para o elogio aberto às elites, de forma a-histórica comparadas às elites burguesas de Paris ou de Londres⁶. Nesse processo, estudiosos de diversas disciplinas poderão contribuir, não apenas historiadores, mas também arqui-

tetos e arqueólogos, entre outros⁷. A publicação desta obra, portanto, indica caminhos e fornece pistas para pesquisas futuras e, não fossem outros os méritos, só isso já bastaria para mostrar sua importância.

⁶ Exemplo disso constitui a exposição temática no Museu Paulista, inaugurada em setembro de 1996, sobre "Louças domésticas"; cf. críticas e propostas menos elitistas em P. P. A. Funari, "Rescuing ordinary people's culture: museums, material culture and education in Brazil", in Peter G. Stone & Brian L. Molineaux (eds.), *The Presented Past, Heritage, museums and education*, Londres, Routledge, 1994, p. 120-136; "considerações sobre o profissional de museu e sua formação", *Anais da II Semana dos Museus da Universidade de São Paulo*, São Paulo, USP, 1999, p. 81-6.

⁷ Cf. P. P. A. Funari, e A. Zarankin, "A social archaeology of housing from a Latin American perspective: a case study", *Journal of Social Archaeology*, 2, 2002.

MAESTRI, Mário. Resenha de: FUNARI, Pedro Paulo A. O sobrado e o cativo: a arquitetura urbana erudita no Brasil escravista – o caso gaúcho. Passo Fundo: Ed. da Universidade de Passo Fundo, 2001. São Paulo, Boitempo, v.1, n. 15, 2002, p. 171-174.

Palavras-chave: Arquitetura; Urbanismo; Brasil; Escravismo.